

## Segredos de uma viúva moça: considerações sobre um conto polêmico de Machado de Assis

Profa. Dra. Lúcia Granja<sup>1</sup> (UNESP- São José do Rio Preto)

**RESUMO:** *Este trabalho pretende analisar as relações entre um texto literário e sua composição como inscrição no meio material de sua circulação, a partir da polêmica em torno do conto “Confissões de uma viúva moça”, de Machado de Assis (publicado, primeiramente, entre abril e junho de 1865, no Jornal das Famílias). Alguns estudiosos já analisaram as discussões entre o “Caturra” e os defensores do conto e de seu veículo de publicação. Detalhes dessa polêmica fazem com que nos perguntemos sobre sua veracidade, mas, em acréscimo a isso, quer ela tenha sido causada pela manifestação moralista de um leitor, quer tenha sido inventada pelo editor da revista (e para quaisquer que fossem os seus fins), tais detalhes nos levam a propor a análise da possível interferência dessa situação de leitura, debate e veiculação da ficção nas estratégias de composição da narrativa literária machadiana.*

**Palavras-chave:** Machado de Assis; contos; História da cultura; História da Leitura.

### Introdução

Relendo o conto “Confissões de uma viúva moça”, publicado primeiramente no *Jornal das Famílias*, em três partes (abril, maio e junho de 1865), parece-nos evidente que a polêmica suscitada em torno de seu assunto, à época de sua publicação, mais atraiu o olhar da(os) leitora(es) sobre essa peça literária do que desgastou a imagem do conto, de seu autor “J.”, ou do próprio periódico.

Assim sendo, alguns aspectos da polêmica, a qual está à nossa disposição graças ao trabalho de recolha efetuado por Jean-Michel Massa (1965), serão estudados neste trabalho, que é o início de uma análise mais ampla sobre a criação literária machadiana e a relação entre esse tipo de composição e sua inscrição em seu meio material de circulação.

### 1 - Opiniões Convergentes

Raimundo Magalhães Jr. já tratou deste conto<sup>2</sup> e polêmica, com percepção aguda: “(...) Machado de Assis esteve envolvido numa falsa polêmica, travada em “a-pedidos”, isto é, na seção paga do *Correio Mercantil* e, por sua vez, no *Diário do Rio de Janeiro*, a que Machado de

---

<sup>1</sup> Lúcia GRANJA (UNESP, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários, Ibilce, São José do Rio Preto). E-mail: lgranja@uol.com.br

<sup>2</sup> Silvia Maria AZEVEDO estudou os contos publicados por Machado no *Jornal das Famílias* em sua tese de Doutorado.

Assis pertencia.<sup>3</sup> Um exame aberto dessa polêmica levaria qualquer observador medianamente arguto a descobrir que tudo não passava de um simples artifício publicitário” (MAGALHÃES Jr. 1981, vol. I, p. 321). Entre variados argumentos para explicar porque Machado se envolveu em uma polêmica com fins publicitários, Magalhães Jr. cita as relações pessoais entre o jovem escritor e B-L. Garnier, editor do *Jornal das Famílias*, além do fato de Machado ser, na época, o principal colaborador de ficção desse periódico. Em 1965, porém, quando Jean-Michel Massa coligiu em seus *Dispersos* essa polêmica, anotou que a identidade do “Caturra” permanecia desconhecida (p. 520). Seria possível, frente a isso, perguntarmo-nos se o Caturra é identidade polemista da qual participa o próprio Machado. Nesse sentido, tomando como verdade a afirmação de que a polêmica criada tinha fins publicitários, qual a imagem de leitor está inscrita nos textos escritos e rebatidos por “J.”-“Caturra”, possivelmente, nos dois casos, Machado de Assis?

## **2 –Diversidade de olhares sobre uma polêmica.**

Se não seguirmos o conselho do narrador de *Dom Casmurro* e procurarmos no dicionário, desta vez, ao invés de “casmurro”, “caturra”, chegaremos à seguinte definição: “Diz-se de pessoa teimosa, agarrada a velhos hábitos, sempre disposta a achar defeitos, a discutir; pechoso.” (HOLANDA, 2001, verbete “caturra”). Acompanhemos, então, o papel deste teimoso na polêmica despertada pela publicação dos dois primeiros capítulos do conto “Confissões de uma viúva moça”. Em 1º. de abril de 1865, saiu a edição mensal do *Jornal das Famílias* e, com ela, os dois primeiros capítulos do conto em questão, no qual, a “viúva moça”, que se retirara em Petrópolis, desde este seu novo estado civil, depois de dois anos, escreve à melhor amiga, a fim de narrar-lhe o porquê de seu confinamento, conforme diz, por meio de cartas que se seguirão a cada oito dias, “de maneira que a narrativa pode fazer-te o efeito de um folhetim de periódico semanal” (ASSIS, 1986, vol. II, p. 100); no segundo capítulo, ela inicia a narrativa que explica sua retirada: fala de sua vida social no tempo em que era vivo o marido e de um sujeito que, um dia, no teatro, olhou-a com tamanha insistência que fez com que ela o notasse. Ela confessa:

Somos todas vaidosas de nossa beleza e desejamos que o mundo inteiro nos admire. É por isso que muitas vezes temos a indiscrição de admirar a corte mais ou menos arriscada de um homem. Há, porém, uma maneira de fazê-la que nos irrita e nos assusta; irrita-nos por impertinente, assusta-nos por perigosa. É o que se dava naquele caso. (Assis, vol. II, p. 102)

Continuando, Eugênia conta-nos que o misterioso admirador não a deixara em paz com seu olhar; que ela decidiu ir embora entre o segundo e o terceiro atos do espetáculo; que, ao sair, lá estava o admirador a encará-la do mesmo modo fixo e que, perturbada com o fato, retirou-se da vida social por alguns tempo. Um dia, porém, recebeu uma carta dele, confessando-lhe seu amor. Segunda narra, ela sentiu-se confusa, aterrada e envergonhada com o fato, mas, logo, curiosa. Na tentativa de desviar-se dessa inquietação, foi ao seu gabinete, acendeu uma vela,

---

<sup>3</sup> Nessa época, Machado escrevia no *Diário do Rio de Janeiro*, as crônicas de “Ao Acaso”. Sobre elas, conferir Lúcia GRANJA, *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais*.

queimou a carta e, nesse momento, foi surpreendida pelo marido que, apesar da reação de surpresa da esposa e do exagero dela ao abraçá-lo, apesar dos restos da carta queimada e apesar da vela acesa durante o dia, não a interrogou sobre nada, deu dois passos e saiu do gabinete: “Senti uma lágrima rolar-me pela face. Não era a primeira lágrima de amargura. Seria a primeira advertência do pecado?”. (ASSIS, 1986, vol. II. p. 104). Findo o folhetim de 1º. de abril. Natural a curiosidade despertada nas(os) leitoras(es) para que acompanhassem o próximo número: frente a um certo desinteresse do marido, à vaidade e à curiosidade, a esposa levaria em frente o possível romance adúltero? Por outro lado, estava dada a situação suficiente para o início da polêmica.

No mesmo dia 1º. de abril de 1865, no *Correio Mercantil*, “O Caturra” assinou o seguinte artigo a-pedidos:

*Jornal das Famílias*

(...)

No último número desse jornal, que se diz das famílias, e cujo programa já vai se afastando sofrivelmente, enceta-se a publicação de um romancito sob o título *Confissões de uma viúva moça*.

Pela amostra do pano desde já se pode conjecturar de que magnificência serão vestido que trata-se de expor à atenção das jovens, que têm um dia de serem esposas e mães de família, isto é, daquelas que bem deverão compreender qual a verdadeira missão dos filhos, e os legítimos gozos ocorrentes que suavizam os freqüentes cuidados da respeitável mãe de família. Para os pais de família, pés de boi, os que têm a esquisitice de verem a realidade deste mundo pelo prisma rococó escrevemos estas ligeiras linhas, pedindo-lhes que façam companhia às suas filhas na apreciação de tão edificantes escritos, tão harmoniosos como os esplendores deste século reformista.

O Caturra (MASSA, 1965, p. 210)

Exporemos, abaixo, mais uma parte da polêmica, mas, neste ponto, já teríamos suficiente material para discussão. Basta ver que o texto do polemista saiu publicado no mesmo dia que o *Jornal das Famílias*, o que quer dizer que já estava pronto – e sua publicação encomendada – anteriormente. No dia seguinte, 2 de abril, “J.” ( pseudônimo com o qual se assina o conto e que verificaremos ser, com certeza, Machado) escreveu rebatendo o “Caturra” ( *Diário do Rio de Janeiro*, “Publicações a-pedido”). Viu no polemista um inimigo de Garnier; disse que no primeiro capítulo do romance não havia uma só linha em que o vício fosse endeusado, e concluiu: “Felizmente, basta ler o primeiro capítulo para ver a malignidade d’O Caturra. Protesta-se contra a caturrice, e fiquem descansados os pais de família: o autor das *Confissões* respeita, mais que ninguém, a castidade dos costumes” ( Massa, 1965, 211).

A polêmica só continuará no início de maio, com o novo número do *Jornal das Famílias*, o que, como já argumentou Magalhães Jr., também é indício de polêmica encomendada (Magalhães Jr., 1981, vol. I, p. 323). Assim, logo que saiu o novo número do *Jornal*, em 1º. de maio, o “Caturra” assinou longo artigo nos “a-pedidos” do *Correio Mercantil*, no qual declarou que não houvera nada em suas críticas que fosse contra Garnier ou o *Jornal*, mas que sua preocupação era mesmo a castidade das famílias e a liberdade exagerada de imprensa que o romancito demonstrara existir. Vem, então, no dia seguinte, em 2 de maio, no “a-pedidos” do *Correio Mercantil*, uma nota breve assinada por Machado, “J.” até então:

*Confissões de uma viúva moça.*

Sou o autor do romance que, com este título, publica atualmente o *Jornal das Famílias*. Pelo ao Sr. Caturra que aguarde o resto do escrito pára julgar da sua moralidade, – sem o que, qualquer discussão, será inútil.

Machado de Assis.

Desta vez, houve mais uma manifestação de “O Caturra”. Em 4 de maio, replicando o autor confesso do conto, ele assinou novamente longo artigo nos “a-pedidos” do *Correio Mercantil*, no qual, a despeito da declaração do autor de que ele deveria esperar o fim da história para julgar-lhe a moralidade, reafirmou sua posição moralista, concluindo (é importante destacar a palavra “ridícula”) da seguinte maneira : “releve-nos os Sr. Machado de Assis essa rigidez do nosso conceito; nem todos a terão, e é provável mesmo que estejamos em ridícula minoria. (...)” (MASSA, 1965, 214). Estendendo-se, ainda, por aquele mês de maio de 1865, no dia 9, nos a-pedidos do *Correio Mercantil*, “uma mãe de família” assinou uma carta dirigida ao “Caturra”, em que se declara assinante do *Jornal*; diz que, até então, nada ali encontrara que “pudesse perverter a moral de nossas filhas”; aposta na moralidade que haveria de vir no fim do romance; confia nas declarações que afirmaram isso, da parte de Garnier e do autor; cita o *Jornal do Commercio* que, pela perspectiva do “Caturra”, também deveria ser reprovado, pois publicava o folhetim *A San Felice*, em que um homem, Salvato, estava enamorado da protagonista do romance, a qual também era casada, entre outros argumentos. Acentuamos aqui que é improvável que wuma carta como essa (mas verdadeira) fosse publicada no espaço dos a-pedidos, praticamente nunca ocupado por uma mulher, e que, para que essa senhora assegurasse, como o faz, que os pais de família não suspenderiam a assinatura, nem do *Jornal do Commercio*, nem do *Jornal das Famílias*, essa “mãe de família” talvez devesse ter um pouco mais de autonomia, tanto de opiniões, quanto financeira, do que parecia ser próprio, e em público, às mulheres da época. Quase com certeza, portanto, esse pseudônimo abriga a figura de um homem.

Temos, já, variadas razões para corroborar a crença de Magalhães Jr. e achar que o início da polêmica foi deliberada pelo próprio editor do *Jornal das Famílias* e, possivelmente, por seu principal colaborador de ficção, Machado de Assis, que vinha publicando neste jornal, uma série de contos, assim assinados:

“Frei Simão”, junho de 1864, assinado por M.A.

“Virginius”, julho e agosto de 1864, assinado *Machado de Assis*.

“Casada e viúva”, novembro de 1864, assinado *Machado de Assis*.

“Questão de vaidade”, dezembro de 1864 e janeiro, fevereiro e março de 1865, assinado *Machado de Assis*.

Assim, com exceção de setembro e outubro de 1864, quando “Max” publicou no espaço da ficção do *Jornal das Famílias* o conto fantástico “O anjo das donzelas”, desde junho de 1864 até o fim da publicação do conto polêmico, Machado publicou ali, mês a mês, sua ficção. Natural, quase, seria que em abril de 1865 aparecesse um novo “romancito” de Machado, que, como

“Questão de vaidade” saísse em variadas edições do *Jornal*, o que aconteceu efetivamente com “Confissões de uma viúva moça”. No entanto, se as outras colaborações não faziam mistério de autoria de Machado, por que, agora, o uso do pseudônimo “J.” e a identidade só revelada depois da indignação do polemista caturro? Se, como afirma o próprio Machado, mas ainda como “J.”, o autor das *Confissões*... respeita a castidade dos costumes, por que teria ele se escondido, primeiramente, sob o pseudônimo? Uma resposta possível é a de que, já de saída, o uso do pseudônimo acentuava o suspense em torno da publicação do conto. . Ainda sobre pseudônimos – e, nesse caso, Magalhães Jr. também menciona de maneira um pouco diversa esse argumento, (1881, vol. 1, p. 323) –, se o polemista realmente fosse “alguém de fora”, preocupado com os costumes das famílias, por que escolheria para si um pseudônimo desabonador? Afinal, como vimos, “caturra” é agarrado a velhos hábitos, teimoso, sempre disposto a achar defeitos...um rabugento, portanto, e não apenas um moralista.

Temos, portanto, que, mesmo que essa polêmica seja, como quer Magalhães Jr., uma peça publicitária, gostaríamos de ler em seus componentes algo mais sobre a construção literária e auto-reflexão que ela traz em si, assim como conhecer mais de perto alguns hábitos de leitura do tempo. Dirigido primordialmente às mulheres, o *Jornal das Famílias* trazia uma ou duas peças de ficção por edição, poemas<sup>4</sup>, desenhos de moda e descrições dele, receitas e diagramas de bordados e crochês, uma seção variada intitulada “Mosaico”, relatos ou casos narrados de viagens, entre outros. Por ser primordialmente endereçado ao público feminino, isso não quer dizer que os textos de ficção do *Jornal* não fossem lidos em serões familiares. Assim sendo, observemos que, em seu primeiro texto, no qual, aparentemente, recrimina o “romancito” por questões morais, o “Caturra” não desaconselha que o leiam as moças e mulheres, mas sugere aos pais “que têm a esquisitice de verem a realidade deste mundo pelo prisma *rococó*” que “façam companhia às suas filhas na apreciação de tão edificantes escritos”, etc. Ou seja: ironicamente, a imoralidade presumida da novela **não deve impedir sua leitura, mas trazer para ela outros leitores**, se é que já não o eram (e possivelmente o fossem) esses “esquisitos” pais. Quando “J.” responde ao “Caturra”, no dia seguinte – e observemos novamente que o “Caturra” é tão bem informado sobre as peças de ficção do jornal que seus textos são publicados nos a-pedidos de outros periódicos na mesma data em que o *Jornal das Famílias* vem a público –, julga-o inimigo do editor do jornal, mas isso parece um ataque mal direcionado, ou um desvio de atenção feito de caso pensado, já que o teor das críticas do polemista são essencialmente morais à peça literária, apenas mencionado que o *Jornal*, no último número, e com a publicação de tal conto, afasta-se de ser o que programa, “das famílias”. Ou seja: **o principal ataque de “O Caturra” é ao conto e não ao jornal em si** e, tendo como alvo a ficção, transfere para ela um problema de moralidade social.

Ambas as atitudes, do autor e do polemista, desviam, em consequência, o foco das atenções da **natureza** da ficção que se publica naquele jornal, a partir de abril de 1865, como veremos: o artifício das cartas, que não é novo em si, põe a narrativa na voz de uma mulher que se abre a uma amiga. Nenhum texto daquele jornal fora assim construído anteriormente. O capítulo I, que Eugênia, ou a narradora, define como “prefácio do meu romance, estudo, conto, o

---

<sup>4</sup> Só por curiosidade, a maioria absoluta dos poemas no período aqui estudado, de meados de 1864 a meados de 1865, são da autoria de Augusto Emílio Zaluar.

que quiseses” (Assis, 1986, vol. II, p. 100), chama atenção para o experimentalismo de seu escrito que pensa sobre, como já citamos, em forma pelo menos, a narrativa de ficção e sua relação com o público: “As minhas cartas irão de oito em oito dias, de maneira que a narrativa pode fazer-te o efeito de um folhetim periódico semanal.” (Assis, 1986, vol. II, p. 100). O(a) leitor(a) perspicaz da época, representado(a) pela mãe (também ficcional) que entra na polêmica contra o “Caturra”, e em confiança a Garnier, entenderia perfeitamente o pacto da ficção ali proposto e poderia continuar a divertir-se, finda a leitura do folhetim, por meio da polêmica de lances estranhos levantada por alguém que “gosta de por defeitos” em tudo. Eugênia assim conclui a apresentação do relato que fará: “Estudo ou romance, isto é simplesmente um livro de verdades, um episódio singelamente contado, na confabulação íntima dos espíritos, na plena confiança de dous corações que se estimam e se merecem” (Assis, 1986, vol. II, p. 100). “Um episódio de verdade” significa aqui a compreensão do que representa a “confabulação íntima dos espíritos”, pois é apenas nessa condição em que a “verdade” pode se dar, em que se pode desenvolver a narrativa “singelamente contada”. Melhor explicando, a verdade da ficção está em entender-se que, entre narrador e leitor faz-se um “trato” que torna a possível, ou, alegoricamente, entre duas amigas, deve-se estabelecer um diálogo de confiança, credibilidade e estima. De fora dessa compreensão, o “Caturra” explicita que as nem tão ingênuas leitoras, “as jovens que têm um dia de serem mães de família”, têm (terão), no *Jornal das Famílias*, diversão assegurada pela leitura do folhetim, que compactua com elas, como se na voz de uma amiga.

## **Conclusão**

Golpe publicitário de Garnier? Se o foi, os argumentos acima aprofundam essa compreensão para além da “queda nas vendas” provocada pela Guerra da Tríplice Aliança (Magalhães Jr., 1981, vol. I, p. 322). Assim, a colaboração ficcional deste “Caturra” (possivelmente Machado) na polêmica traz ao *Jornal das Famílias* ainda mais leitores e credibilidade. Além disso, a forma narrativa que se destaca pela relação construída entre uma narradora que tem grande afinidade com sua leitora, relembra-nos aqui que a experiência em questão, para além da possível ousadia moral do conto, é a da consciência das formas literárias em sua relação com o seu veículo e seu público, o que nos ajuda, por fim, a inferir um processo gradual por meio do qual Machado (re)construísse constantemente, e dentro dos próprios parâmetros da ficção, essa relação de surpreendente proximidade (para o bem e para o mal de seu leitor), e que seria, um dia, motivo de destaque para sua Literatura.

## **Referências Bibliográficas**

ASSIS, J.M. Machado de. **Obra completa**, 7ª reimpressão, ed. Afrânio Coutinho, 3 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1986.

AZEVEDO, Silvia M. **A trajetória de Machado de Assis. Do *Jornal das Famílias* aos contos e histórias em livros.** 1990. Tese de Doutorado em Letras, Departamento de Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas , USP.

GRANJA, Lúcia. **Machado de Assis, escritor em formação. À roda dos jornais.** Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2000.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. ***Dicionário Aurélio, século XXI.*** Versão eletrônica, 2001.

MAGALHÃES Jr. **Vida e obra de Machado de Assis.** 4 vols (“Aprendizado”, “Ascensão”, “Maturidade”, “Apogeu”). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília:INL, 1981.

MASSA, Jean-Michel. **Dispersos de Machado de Assis.** Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: INL, 1965.

SOUSA, José Galante de. **Bibliografia de Machado de Assis.** Rio de JANEIRO: INL, 1955.

**Periódico:**

**Jornal das Famílias** (microfilmes, AEL, IFCH, UNICAMP), 1864-1865.